

## APRESENTAÇÃO

O presente número da Revista Literatura em Debate vem divulgar pesquisas qualificadas sobre a intercomunicabilidade entre os gêneros artísticos. Trata-se de um fenômeno estético que tem origens em épocas muito remotas da história da arte. O entrelaçamento entre texto e imagem sempre foi um tópico da cultura ocidental, como o atesta Horácio em sua “Epístola aos Pisões”, através de sua célebre fórmula *ut pictura poesis*, paradigma pictórico em que a linguagem poética (portanto, literária) deveria ser concebida como imagem, o que levou, mais tarde, a considerar a imagem como fonte do fenômeno poético. Contemporaneamente, uma atenção cada vez maior vem sendo concedida ao processo de intercomunicação de linguagens estéticas diferentes, de onde emerge um novo campo de pesquisa, característico dos estudos comparados em literatura: os estudos interartes. Trata-se de uma área completamente nova de investigação onde é possível realizar a observação e análise de como a literatura mantém relações com as demais expressões artísticas (cinema, televisão, teatro, pintura, desenho).

No caso dos estudos comparados, o objetivo é estudar como as diversas obras literárias são adaptadas para outra linguagem estética, como o caso da obra cinematográfica (processo de transposição interartes de uma linguagem verbal para uma verbal e não-verbal). Apesar deste novo campo de estudos não possuir uma metodologia definida, como afirma Claus Clüver (embora entenda-se que o processo de transposição interartes é uma tradução intersemiótica da linguagem), nele é possível realizar abordagens que ultrapassem a análise semiótica formal pura, indo ao encontro dos aspectos socioculturais do texto artístico visual ou verbal. Desse modo, o presente número da Revista Literatura em Debate acolheu trabalhos que tematizam questões, análises e/ou reflexões teóricas relacionadas aos estudos comparados em literatura e suas relações com o processo intersemiótico/interartes, envolvendo também outras linguagens artísticas (cinema, televisão, teatro, pintura, desenho), bem como suas problematizações com a linguagem e a escrita literárias, contemplando, por igual, aportes inter/transdisciplinares com a história, a geografia, a antropologia, a filosofia, a sociologia e a crítica da cultura. O presente número também inclui resenhas de livros publicados nos dois últimos anos (2010-2011).

Ao alcançarmos a oitava edição deste periódico, expressamos aqui, como editores e organizadores do presente número, a imensa satisfação pelo interesse que a temática suscitou entre os pesquisadores não somente dos estudos literários, como de outros domínios do pensamento acadêmico. O volume de artigos enviados e aceitos para compor a atual edição da revista é uma demonstração de que a escolha do tema foi novamente acertada e apropriada, uma vez que acolhemos produções significativas, com expressiva densidade investigativa e contribuições que, com certeza, alimentarão os futuros debates, e aumentarão, assim, a compreensão acadêmica sobre o tema. Nesta edição, os textos são oriundos de pesquisadores vinculados a programas de graduação e pós-graduação de várias universidades e IES do país, citados pela ordem do sumário: UFPA, UFMS, UNILA, UNESP, UNIMAR, UFBA, URI, UFMG, UESC, UFSC, UESPI, UFPI, UFMA, CES/JF, UNB, UFU, FACAMP, CEFET/MG, IFET/Farroupilha e UNICAMP.

Assim, os primeiros artigos da revista tratam das relações entre literatura e cinema. O ensaio de Joel Cardoso, que abre esta edição, procura avaliar os intercâmbios entre essas duas linguagens. O autor do artigo chama atenção para o fato de que, embora o contato dessas duas artes seja, por vezes, conflituoso, há pontos positivos na aproximação entre elas, já que uma pode complementar a outra. Em suas considerações

finais, Cardoso afirma que a adaptação de uma obra literária para uma obra fílmica deve considerar a dinamicidade de seu processo, bem como as particularidades de suas linguagens. Dito em outros termos, as mudanças ocorridas nos processos de adaptação de uma arte para outra não devem ser encaradas como falhas do diretor, mas como necessidade de ajustes de linguagens. O articulista encerra seu ensaio questionando o preparo dos educadores para o uso de novas tecnologias para o ensino em sala de aula.

Cássio dos Santos Tomaim, por sua vez, estuda as possíveis relações entre documentário e literatura. O autor explica que, se os debates entre literatura de ficção e cinema estão bem encaminhados, o mesmo não pode ser dito entre obras não-ficcionais e cinema, já que as primeiras estão calcadas numa matriz informativa e objetiva, negando qualquer possibilidade de diálogos entre elas. No entanto, nota Tomaim, de uns anos para cá, essa separação tem se tornado menos rígida, pois se acredita no teor criativo do documentário, a exemplo dos relatos testemunhais. O ensaísta defende a premissa de que os discursos não-ficcionais, diferentemente do que se tem acreditado, não são isentos de poeticidade, algo que possibilitaria um primeiro contato entre eles e o cinema.

Partindo da aceitação dos entrecruzamentos entre literatura e cinema, o terceiro artigo, de Fernando de Moraes Gebra, analisa o personagem Nina do filme “Cisne negro” (2010), do diretor Darren Aronofsky, considerando a teoria do duplo tal como proposta por Sigmund Freud, Otto Rank e Clément Rosset. Como destaca Gebra no início de seu ensaio, “[a] pesar de o estudo se centrar em uma narrativa fílmica, as contribuições da literatura e da teoria literária são fundamentais, à medida que a representação dos processos mentais de Nina e a desagregação de sua personalidade fazem parte das mudanças estruturais presentes no romance moderno”. A proposta do autor do ensaio consiste em demonstrar que tanto a literatura quanto o cinema se valem de recursos específicos com o intuito de demonstrar formalmente como o duplo pode ser representado.

O processo de adaptação do texto literário para o cinematográfico também é assunto do artigo de Maria Alessandra Galbiati. Partindo do que há de comum entre a obra literária e a cinematográfica – ou seja, contar histórias –, a autora apresenta uma leitura intertextual do filme “Dom” (2003), de Moacyr Góes, em relação ao romance “Dom Casmurro” (1899), de Machado de Assis. A proposta de analisar os níveis de intertextualidade entre o livro e o filme visa a analisar a receptividade do público frente à proposta do diretor. Como a articulista expõe em suas considerações finais, “Dom” não é uma adaptação de “Dom Casmurro”, mas “uma tentativa moderna de resgate da história do clássico machadiano”. Nesse sentido, conforme complementa ela, o filme consiste numa releitura contemporânea, “já que a ação do romance é transportada para a contemporaneidade”. Afora isso, “sugere-se que “Dom” utiliza-se da estilização como recurso intertextual, tendo autonomia estética”.

Procedimento semelhante de análise é realizado por Altamir Botoso. Em seu ensaio, o autor realiza uma aproximação entre o romance “Niebla” (1914), de Miguel Unamuno e o filme “Mais estranho que a ficção” (2006). Por meio da metalinguagem, o autor do artigo estabelece uma relação intertextual entre as duas produções, em que aspectos como realidade/ficção, vida/ficção, so-nho/realidade são evidenciados, a fim de que, através dessas indagações, a própria condição do homem enquanto ser seja questionada. O ensaio de Olivia Ribas de Farias e de Silvia Maria Guerra Anastácio parte de uma metodologia similar. As autoras buscam investigar como ocorreu a recriação do conto “O coração revelador”, do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, para a série de animação “Os Simpsons”, no episódio “A rival de Lisa” dirigido Mark

Kirkland. Nesse texto, Farias e Anastácio procuram entender como fenômenos sógnicos se articulam para sugerir efeitos os mais diversos no polo receptor.

O artigo de Amália Cardona Leites, Samantha Borges e Rosani Ketzner Umbach propõe uma análise comparatista entre o filme “Tropa de elite 2 – o inimigo agora é outro”, de direção de José Padilha, e a obra literária “O matador”, da escritora Patrícia Melo, considerando o tema da violência nas duas obras. No ensaio, são ainda comparados alguns aspectos semelhantes dos protagonistas das duas narrativas, em que se coloca a perspectiva de personagens em posições sociais diferentes, mas que vivenciam de maneira análoga o limite entre as condutas do bem e do mal. Nesse sentido, o objetivo da análise é tentar compreender como a temática da violência relaciona-se com aspectos simbólicos da realidade contemporânea.

Vanderléia de Andrade Haiski e Marcelo Marinho, com base na teoria da tradução intersemiótica, analisam o mito de Fausto, de Goethe, a partir de dois filmes: “Coração satânico” (1987) e “Fausto 5.0” (2001). Inicialmente, os autores estudam aspectos históricos e culturais a partir do mito de Fausto; em seguida, tratam das relações entre cinema e literatura, para, por fim, avaliar o referido mito em ambos os filmes mencionados. Do ponto de vista dos autores, a “adequada transposição desses e de outros elementos para a cultura alvo exige uma análise cuidadosa dos aspectos histórico-culturais locais”. Nesse sentido, complementam, a “equipe de produção deve planejar cuidadosamente uma adaptação que seja ao mesmo tempo adequada e verossímil, para que o público se identifique com o mito importado de um sistema cultural estrangeiro, tal como o cinema pode lhe apresentar sob forma intertextual”.

Dando sequência às reflexões que envolvem literatura e cinema, temos o artigo de Alex Alves Fogal e Bárbara Del Rio Araújo, que trata de um estudo comparatista entre as obras do poeta brasileiro Oswald de Andrade (1890-1954) e as técnicas de montagem do cineasta russo Sergei Eisenstein (1898-1948). Os autores rastreiam, nas obras “Pau-Brasil” (1925), “Memórias sentimentais de João Miramar” (1924) e “Serafim Ponte Grande” (1933), relações de semelhanças entre o método poético presente nas criações oswaldianas e o chamado método de montagem intelectual de Eisenstein, a fim de identificar os modos similares que ambos, escritor e cineasta, pensam a linguagem em suas construções artísticas.

Já o artigo de Elisandra Pereira dos Santos Reis e Claudio do Carmo Gonçalves apresenta, como foco de análise, as representações de cidade na obra “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago, através de duas linguagens artísticas, a literária e a cinematográfica. Segundo os autores, há um dialogismo bakhtiniano que permeia o universo romanesco saramaguiano e a produção fílmica do diretor brasileiro Fernando Meirelles. Contudo, apesar de dialogarem entre si, esses modos representacionais configuram outra representação, uma vez que mediado por outro olhar e outra linguagem.

Encerrando essa primeira seção de artigos que versam sobre as relações entre literatura e cinema, temos o trabalho de André Rocha Leite Haudenschild. Em seu texto, o autor propõe uma análise comparativa sobre os modos de representação da realidade em obras do cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975) e do brasileiro Glauber Rocha (1939-1981). Ao longo de seu artigo, o autor procura identificar como o conceito de “efeito-de-realidade”, de Fredric Jamenson, apresenta-se em suas linguagens cinematográficas, enquanto discursos de resistência ao mundo do capitalismo avançado e frente à cultura de seus países de origem: respectivamente, a cultura italiana e a brasileira.

Iniciando a seção em que os artigos se detêm particularmente sobre as relações entre literatura e imagem (verbal, pictórica, televisão e fotografia), temos o artigo de

Marta Yumi Ando. O seu ensaio tem como objetivo problematizar a questão da performance gráfica na obra “Retratos de Carolina”, de Lygia Bojunga. A autora do artigo delinea, em sua reflexão, as confluências do verbal com o imagético, no intuito de evidenciar na obra a dimensão corporal da escrita, um procedimento que não se restringe à função de narrar no sentido convencional, mas que possibilita novas formas de interação entre texto e leitor.

No mesmo terreno conceitual de performance gráfica e representações imagéticas, segue-se o artigo de Pedro Pio Fontineles Filho, que trata da obra do es-critor piauiense, O. G. Rêgo de Carvalho. Em seu texto, o autor procura identificar as inter-relações entre a narrativa da obra “Rio subterrâneo” (1967) e as (re)leituras feitas sobre ela, a partir das ilustrações das capas de diferentes edições de seu livro. Para a leitura analítico-interpretativa dessas ilustrações e a discussão das aproximações e distanciamentos entre o texto e a imagem, o autor recorreu a teóricos tanto das dimensões da arte quanto da história e da escrita literária como Raymond Williams, Eduardo Paiva, Pierre Bourdieu e Peter Burke.

Já o artigo de Antonio Afilton Santos Silva e João de Deus Vieira Barros procura enfatizar as relações entre imaginação e memória nos entrelaçamentos do evento narrativo, a partir da análise da microssérie “Hoje é dia de Maria”. Os autores procuram sondar as relações correspondentes à memória do contar e às vivências humanas na narrativa, em percursos que atravessam vários suportes – da oralidade ao audiovisual. Portanto, ao trabalhar as noções de “memória cultural” e “oralidade”, os autores apontam quais as implicações desses processos nas representações pessoais dos sujeitos e nas suas relações no meio em que vive e sobrevive.

Por sua vez, Rivia Bianca da Costa Freitas apresenta um estudo comparativo entre literatura e televisão, a partir de uma análise entre a obra literária “A muralha” (1954), de Dinah Silveira de Queiroz e a minissérie “A muralha” (2000) de Maria Adelaide Amaral. À luz da teoria da passagem do hipotexto literário para o hipertexto televisivo, defendido por Yannick Mouren, a autora propõe, em seu ensaio, apresentar quais foram os recursos adaptativos utilizados na transposição da cena do parto da personagem Isabel da obra literária “A muralha”, para a cena do parto da personagem Isabel da versão televisiva.

Marli Terezinha Morgesntern e Denise Almeida Silva, em seu artigo, investigam sob a ótica da memória, a obra “Relato de um certo oriente”(1989), do escritor amazonense Milton Hatoum. Buscando na fotografia o elemento norteador da análise, as autoras analisam como as fotos assumem nesse romance um papel testemunhal, autenticador e agregador dentro do núcleo familiar e comunitário em que transitam as personagens. Para embasamento teórico acerca dessa técnica de rememoração, as autoras trazem à baila estudos desenvolvidos por Walter Benjamin, Roland Barthes, Jacques Le Goff e Pierre Bourdieu.

O artigo de Eclair Antonio Almeida Filho e Amanda Mendes Casal apresenta, como objetivo, oferecer duas leituras, através de contrastes, da obra “Aminadab” (meu povo, em hebraico): a primeira, nasce de uma representação pictórica na Capela Sistina, através de Michelangelo; a segunda, através de uma éfrase ao longo da narrativa “Aminadab”, incide sobre a composição de Aminadab, a qual abrange vários recursos aplicados à pintura do antepassado de Cristo. De acordo com os autores do ensaio, a apatia (o pathos não-patético), através da representação pictórica, seria reveladora dos traços de uma reação antissemita, transformada, em Maurice Blanchot, não apenas em um componente de caráter positivo conexo ao ser-judeu, mas igualmente em uma reflexão sobre la pensée (de) l'impossible, que, de acordo com o pensamento blanchotiano e suas relação com a cultura judaica, invalida as formas descritas como

tradicionais de apreensão e conhecimento da experiência, da linguagem e, portanto, do pensamento.

Na sequência, temos uma pequena seção sobre as relações da literatura com o teatro e a dança, iniciada com o artigo de Cláudia Beatriz Carneiro Araújo. Nele, a autora desenvolve como objetivo a análise a transposição interartes da rapsódia de Mário de Andrade, “Macunaíma”, para o teatro, realizada em 1978 pelo diretor teatral Antunes Filho. Como se trata, de acordo com a autora, de teatro de pesquisa, abordou-se as fases de transposição interartes que vão desde a preparação até a montagem final da peça, assim como a recepção pela crítica e pelo público. A articulista tem como finalidade, portanto, a compreensão do processo completo da transposição, partindo do nível textual para o nível simbólico, até alcançar o da encenação. A pretensão da autora é, ainda, situar criticamente o sucesso da peça, cinquenta anos após a publicação da narrativa, como marco histórico do teatro brasileiro.

Ainda dentro do terreno da dramaturgia e do teatro, o artigo de Paula Fernanda Ludwig e Pedro Brum Santos abrange a história do desenvolvimento das artes cênicas no Brasil. Os autores advertem, desde o início, que o estudo do teatro no país nem sempre foi fecundo campo de pesquisas e estudos. O objetivo dos autores, em uma ampla visada diacrônica, é analisar o sucesso do melodrama ao longo da história da arte teatral brasileira. Assinala-se, neste artigo, que durante muito tempo ao longo da história documentada do Brasil, a partir do descobrimento, a produção teatral do país distinguiu-se pela escassez. A dramaturgia brasileira, na verdade, começou a sua existência de fato durante o século XIX. Segundo os autores, a produção teatral oitocentista destacou-se pela existência de gêneros teatrais populares, como o melodrama, preferido pelo grande público. O sucesso atingido pelo melodrama incitou, portanto, a influência de aspectos constitutivos da estrutura do gênero dramático sobre a escrita de obras literárias nacionais. Desse modo, o privilégio concedido à relação do texto escrito com rudimentos característicos do espetáculo cênico justapôs teatro e literatura, como o uso intenso de rubricas em forma de narração. Os articulistas dedicam-se, neste ensaio, a realizar uma amostragem da forma como esse fenômeno ocorreu na prática e na diferenciação da literatura brasileira.

Com uma abordagem sobre a dança e a literatura, temos o texto da pesquisadora e professora Simone Nacaguma, último artigo da presente edição, o qual apresenta, como proposta, a análise do poema “Romance de Xangô”, a partir do conceito de ekphrasis, de Claus Clüver. Este conceito é integrante do volume “9 Romances da Bahia” (1952), do poeta açoriano Vitorino Nemésio (1901-1978). Neste texto, o autor aponta como a dança ritual de Xangô, na qual é encenado o mito de origem desse Orixá, é resultado de uma construção, dada ekphraticamente ao longo deste poema. Tal atitude, segundo a autora, seria reveladora do empenho particular do poeta de compreensão da cultura e religiosidade brasileiras.

A Revista conta ainda com uma sessão de resenhas. A primeira delas é de autoria de Franciele Casagrande Metz, a qual comenta o livro do antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares, “A elite da tropa” (2010), que divide a autoria da obra com mais três co-autores, André Batista, Rodrigo Pimentel – egresso do BOPE – e Cláudio Ferraz, delegado-chefe da Delegacia de Repressão ao Crime Organizado – DRACO. “Elite da tropa 2” é uma continuação do livro “Elite da Tropa”, publicado em 2006, tematizando as guerrilhas urbanas sob a perspectiva policial. Ambos os livros deram origem aos filmes “Tropa de Elite, missão dada é missão cumprida” e “Tropa de Elite 2, o inimigo agora é outro”. Baseado em histórias reais em meio à memória, ao jornalismo literário e à ficção, “Elite da Tropa 2” explicita a corrupção protagonizada

por uma máfia organizada e violenta: os integrantes das milícias nas favelas e periferias do Rio de Janeiro.

A segunda resenha é de autoria de Danielle Ferreira da Costa, sobre o livro do ensaísta, tradutor e crítico de cinema e literatura Mário Alves Coutinho, “Escrever com a câmera: a literatura cinematográfica de Jean-Luc Godard”. Esta obra é uma importante referência sobre o projeto cinematográfico godardiano. Nela, o ensaísta analisa a obra cinematográfica de Jean-Luc Godard, em busca de demonstrar como o cineasta, em sua estética visual, desenvolveu, em paralelo, uma literatura, um projeto literário no qual cultivou diversas possibilidades da linguagem, sem jamais abandonar os recursos cinematográficos. Segundo a resenhista, a análise é construída a partir de importantes teóricos utilizados para discutir conceitos literários presentes na obra cinematográfica de Godard.

A última resenha é de autoria de Rudião Rafael Wisniewski, sobre a obra do jovem escritor Sacha Sperling, cuja narrativa apresenta a tendência em relatar os fatos cotidianos, aproveitando o segmento de mercado literário concernente a publicações acerca do cotidiano juvenil. Em 2009, com apenas 18 anos, publicou este romance autobiográfico, lançado este ano pela Companhia das Letras, com o título “Ilusões Pesadas”. Em sua obra, Sperling narra as aventuras e ilusões do período entre os 14 e 15 anos do autor, através de um narrador-personagem, Sacha Winter – alter ego de Sperling –, pertencente à classe alta parisiense, cultivando uma adolescência repleta de festas, sexo, drogas e rock’n roll.

Na última parte desta revista – “Convite à criação” –, contamos a participação da publicitária, pesquisadora acadêmica e poeta paulista Andrea de Barros. Os poemas aqui selecionados fazem parte de seu livro inédito, “Letras do Dia”. Segundo as próprias palavras da autora, “trata-se uma seleção de poemas curtos, rápidos, quase repentinos, escritos com o objetivo de captar em palavras as imagens que surgem no dia-a-dia de uma mulher comum, que convive e trabalha com textos diariamente. A obra surgiu despreziosamente, como se a voz poética sussurrasse entre os slogans e locuções produzidas por esta publicitária, trazendo um prazer inédito e crescente”.

Esperamos que o leitor, através dos trabalhos aqui publicados, encontre um rico acervo de leituras para o desenvolvimento profícuo de pesquisas e estudos na linha temática ora apresentada, bem como fique instigado a novas contribuições para os debates e discussões propostos no presente número. Resta, por fim, agradecer a cada um dos autores que enviaram os seus textos – artigos, ensaios, resenhas, poemas – para esta edição da Revista Literatura em Debate e, de igual modo, aos pareceristas que contribuíram para a qualificação dos trabalhos aqui publicados, bem como de todo o periódico.

Gustavo Menegusso  
Prof. Dr. Lizandro Carlos Calegari  
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins  
Editores